



**ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA**

Agora, na verdade, quem formou o jornalista daquele tempo, aqui, no Rio de Janeiro, em São Paulo, foi a sua vocação literária, foi a sua vocação de leitor permanente, de curioso e de pessoa que tinha interesse em participar da vida nacional. Isso é o que eu posso te dizer.

A SENHORA IZA GUERRA:

Eu queria completar uma coisa. Eu ainda sou professora da universidade, ensino na UFRJ, no Rio de Janeiro.

A grande diferença é que para você ser um bom jornalista, você tem que estar dentro do leito que possibilite a sua criticidade, você tem que ser um cara crítico e hoje a universidade não está preocupada com isso. A universidade está preparando pessoas para os concursos, para o mercado de trabalho porque há como uma necessidade na sociedade para ela se manter, de não ter pessoas conscientes e pessoas críticas, do que está passando do nível das grandes decisões, do capital, das elites. Então, há como uma lavagem dos estudantes para que eles sejam técnicos, eficientes, competentes, segundo as normas que venham da matriz. O parâmetro de preparação é do centro de decisões, que pode ser um país governado por um imbecil, mas que o Brasil acha que é bom. Então, nós estamos fazendo jornalistas, e não é mais, só, jornalista, as universidades, as faculdades são de Comunicação de Multimídia para que você passe mensagens sem que você discuta, reflita e interrogue. Essa é que é a tragédia de hoje, da universidade.

A SENHORA PRESIDENTE SOCORRO RANGEL:

Bom, então, já bem atrasados para a próxima Mesa, vamos terminando, sabendo que o debate é impossível de terminar, na verdade. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Boa-tarde.

Eu gostaria de solicitar às pessoas que se encontram no hall do auditório para vir para cá, para a gente iniciar essa segunda fase do nosso Seminário “A Memória Camponesa e as Ligas Camponesas na Paraíba”.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Gostaríamos de convidar para essa Mesa os participantes das Ligas Camponesas daquela região de Guarabira e Mamanguape para compor a nossa Mesa, começando pelas mulheres: a Dona Maria do Carmo de Aquino — a gente gostaria de dizer para vocês que ela esteve hoje, durante toda manhã, mas ela não se sentiu muito bem, estava sentindo umas dores nas pernas, pediu para ir para casa e ela não conseguiu voltar, até agora. Pode ser que ela não faça parte dessa Mesa. Dando continuidade, chamarei a Dona Glória Celestina da Silva, que participou das Ligas em Mamanguape, uma salva de palmas para ela (aplausos); o Senhor José Amóbio, que participou das Ligas de Mamanguape (aplausos); o Senhor Antônio Francisco de Carvalho, que atuou nas Ligas de Guarabira, uma salva de palmas, ele pode vir para cá (aplausos); o Senhor Manoel Marinho, que atuava nas Ligas de Guarabira, especificamente no Carrasco (aplausos).

Bom, todos os agricultores estão aqui presentes e nesse momento eu gostaria de passar a palavra. A Dona Glória disse que gostaria de falar um pouco depois, não é Dona Glória? E ela sugeriu que o Senhor José Amóbio falasse primeiro e depois ela continuaria, o que ele esquecer, ela vai tentar lembrar.

Então, com a palavra o Senhor José Amóbio.

O SENHOR JOSÉ ARNÓBIO:

Queria dizer boa-tarde para os senhores e senhoras. Isso é um prazer grande para um agricultor estar aqui, no meio desse seminário.

Sofredor da Liga Camponesa, nesse tempo eu tinha 14 anos de idade, comecei a trabalhar com 10 anos de idade, não era porque eu quisesse trabalhar, era porque eu era obrigado a trabalhar pela fazenda. A hora de pegar era o dia amanhecer e anoitecer; anoiteceu, era a hora de largar. Um sofrimento. O tempo de estudar a gente não tinha porque era obrigado, eu, meu pai e meus irmãos, tudo a trabalhar; trabalhava minhas irmãs também na fazenda. Chegou, 08, 10 anos de idade, tinha que trabalhar na fazenda porque era obrigado. Além disso, ainda tinha uma diária que a gente pagava, tinha a história de um “cambão” que isso aí ninguém recebia dinheiro. O dinheiro que a gente recebia dos dias que trabalhava eram muito pouco para a gente comprar o sustento e ainda tinha mais o barracão para a gente comprar. Aquilo ali a gente não tinha direito de plantar um pé de fruta, não tinha direito de

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

plantar nma cana, nada disso a gente tinha direito. Agora, a fazenda tinha cana, tinha fruta, mas a gente não tinha direito, se pegasse numa fruta era expulso da casa e, além disso, o pai era chamado a atenção e o pai da gente perdia a morada. Um bicho que quisesse criar, tinha que pagar, ainda, para a fazenda. Meu pai tinha um roçado de macaxeira, trabalhava ali, nas horas do dia de domingo, nas noites de lua; nas noites de lua ele trabalhava para plantar uma macaxeira, uma ruma de batata e vinha o vigia, sempre acompanhava dois vigias, com ordem da fazenda para arrancar aquela batata, novinha, plantou, ele arrancava. A gente tinha direito de plantar nada. A gente tinha vontade de comer uma fruta, uma banana, uma laranja e a gente não tinha esse direito, e na fazenda disso tudo tinha, mas a gente não tinha direito. A gente trabalhava em um tempo que jra a mesma coisa de ser escravo.

O engenho fabricava mel e cachaça, ninguém tinha direito de comer o mel nem açúcar, tinha o vigia. A gente ficou até os meus 14 anos. Graças a Deus quem trouxe tudo que a gente tem hoje foi a Liga Camponesa. A companhia Lune tinha 20 mil hectares de terra, tudo criando gado, tinha a produção de cana-de-açúcar, fruta, arroz, mandioca, algodão e amendoim. A gente era obrigado a trabalhar. Tinha muitos homens, não era pouco. Eu sei, meus amigos, que a gente sofreu muito, passamos muitas necessidades. Além disso, a casa que a gente morava era uma casinha de palha, de um lado se avistava o outro. Não sei se alguém aqui conhece a porta de vara; a porta da casa da gente era a porta de vara. A casa era coberta de palha. O gado da fazenda, de noite, no tempo da crise, comia a palha da casa da gente e deixava a gente... amanhecia o dia, a parte da palha que o gado comia, que era palha de cana e no outro dia, amanheceu o dia, a gente era obrigado a ir para a fazenda trabalhar, chovendo ou fazendo sol. Tinha dia de eu sair de casa chovendo e chegar chovendo, se chegasse e tivesse um bom cobertor, tivesse tudo de bom, mas nada disso a gente tinha.

Eu com 13 anos de idade não comprava um par de sapatos porque não podia. De onde eu moro para a cidade são quatro quilômetros, eu ia e vinha com os pés no chão porque não tinha condições de comprar um chinelo. Hoje, graças a Deus tudo eu tenho, foi a Liga Camponesa que trouxe.

Veio a revolução de 64, a gente sofreu muito, dormimos no mato, eu não dormi porque era de menor, mas meu pai, meus vizinhos anoiteciam em casa, tomavam café e iam dormir no mato por causa da polícia, porque a polícia andou de casa em casa, até faca a

ESTADO DA PARAIBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

polícia tomou, tomou e bateu em gente, bateu nos meus vizinhos. Além de tomar as facas, uma espingarda, tomava e massacrava mesmo, a polícia, e a gente com aquele sofrimento. Noite de chuva, meu pai e meus vizinhos, obrigados a dormirem no mato ameaçado de perder a vida pelo administrador, pelos capangas da companhia Lune. E a gente ficava nessa situação muito difícil, dormindo só, em casa, mais mãe, meus irmãos, esperando uma hora para dizerem que matou Fulano, matou o pai da gente, a gente não esperava nada de bom. E a polícia era todo dia, no tempo da revolução. O que eu tenho para dizer é que a gente sofreu muito, o sofrimento foi grande.

Passou-se a revolução, perdi um irmão com, mais ou menos, oito meses. A minha irmã nunca tinha visto um soldado de Polícia e chegou aquela danação de polícia lá em casa, tudo a cavalo, parecia a guerra do Capitão Antônio Silvino. Eu tinha duas irmãs, uma com oito anos e outra com sete, em casa, tiraram o menino que estava na rede, botaram ele no braço, desceram uma ladeira, deve ter uma média assim de uns 80 metros de altura, desceram com ele na carreira e embaixo, caiu com o menino, levantou o menino, atravessou o rio e entrou lá, dentro dos matos, beira de rio, entrou lá e deu trabalho para ela sair de lá, levou mais de três horas para sair de lá, só saiu de lá depois que mãe chegou, com muito trabalho foi que ela voltou. Resultado, o meu irmão morreu, nessa carreira. E daí foi passando a revolução e a gente, hoje, tudo que a gente tem dou graças a Deus, primeiramente a Jesus, segundo a Liga Camponesa.

O INCRA desapropriou a área de Rio Tinto, 20 mil hectares, uma área de mata que até hoje pertence ao IBAMA, e o restante foram dividido, de 20 hectares a 25, 28, dados aos colonos que insistiram e ficaram lá. Quem não tinha para onde ir ficou lá e ganhou um pedacinho de terra dado pelo INCRA. Não foi dado que a gente tinha que pagar, quatro anos de carência e 14 anos para pagar o terreno. A gente trabalhando, a maior parte do povo foi embora, disse que ia ser cativo novamente, porque nesse tempo do INCRA instalou-se a cooperativa que é a coisa melhor que a gente tem na agricultura, mas só que a cooperativa chegou lá, instalada pelo INCRA, agricultor não conhece de nada, é cego. No tempo da gente não tinha educação, era trabalhar para a fazenda e a gente não tinha nenhuma educação, a leitura da gente é pouca e a cooperativa foi só para sangrar a gente, mais uma vez. A gente produzir cana-de-açúcar, arroz e inhame, ali ninguém tirava as contas com a cooperativa



**ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA**

porque o gerente sempre dava um fora com o lucro da gente e terminou falindo a cooperativa. A gente ficou andando somente com os pés da gente.

Dos colonos que tiveram direitos a esses terrenos, 98% desses colonos venderam as terras para ir morar na rua, na cidade porque disseram que vida boa é na cidade; hoje estão trabalhando na usina, cortando cana, limpando mato e eu ainda me encontro no mesmo lugarzinho que nasci em Itapecerica. Hoje estou cultivando, plantando abacaxi, o mínimo, porque a gente não tem condições de plantar mais, endividado com o banco, os juros são altos e ninguém pode trabalhar; hoje estou trabalhando com o mínimo, um pedacinho de abacaxi e hortaliça.

E o que eu tenho a dizer. Tudo quanto a gente adquiriu foi a reforma agrária, foi a Liga Camponesa que trouxe, se não fosse a Liga Camponesa eu acredito que a gente morreria cativo. E o que eu tenho a dizer a todos. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Muito obrigado, Seu Arnóbio.

Eu queria registrar a presença de Paulo, que fez uma pesquisa sobre as Ligas Camponesas em Mamanguape, e o Seu Arnóbio foi uma das pessoas com quem ele conversou muito.

Convidamos agora a Dona Glória para falar um pouco, também, sobre essa história das Ligas, em Mamanguape. Dona Glória, é com a senhora.

A SENHORA GLÓRIA CELESTINA DA SILVA:

Eu sou Maria da Glória, de Itapecerica, município de Mamanguape, sou filha de camponês e também sou camponesa, sou casada com Seu Arnóbio.

Vivemos hoje em melhores condições, devido à Liga Camponesa porque trouxe essa vantagem para nós, senão estava assim, como esse povo do MST, sem terra para trabalhar. Mas, graças a Deus eu tenho a minha terrinha, são 20 hectares e cultivamos muitas coisas para comer e vender alguma coisa na feira de Mamanguape.

É isso que eu tenho a dizer.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

E lembra de alguma coisa lá, Dona Glória?

A SENHORA GLÓRIA CELESTINA DA SILVA:

Estou nervosa porque chorei muito, de manhã, com a história de Dona Elizabeth, mas, assim mesmo, estou falando um pouco.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

A senhora lembra de alguma repressão daquela época? A senhora tinha uns 18 anos?

A SENHORA GLÓRIA CELESTINA DA SILVA:

Era, eu tinha 18 anos e lembro bastante. Foram muitos perseguidos os agricultores, os camponeses apanharam bastante, hoje eu me recordo do nome de alguns. Há dois anos morreu um vizinho meu, ainda doente do ouvido porque levou uma pesada no ouvido, do soldado e ficou doente o tempo todo. Morreu há dois anos, era vizinho meu. E mais outros lá que apanharam bastante. Meu pai era calmo, ele nunca saiu de casa, passava sempre a noite em casa com a gente porque ele não foi muito perseguido, mas sempre preparado para qualquer coisa sair e dormir no mato, como os outros. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Muito obrigado.

Agora nós vamos chamar o Senhor Antônio Francisco de Carvalho, que atuava na Liga de Guarabira.

O SENHOR ANTÔNIO FRANCISCO DE CARVALHO:

Sou José Antônio Francisco de Carvalho, agricultor, vizinho ao terreno do Carrasco e estava trabalhando lá, eu e um bocado de amigo. A área era pouca, dois hectares para cada camponês porque os camponeses eram muitos e precisavam trabalhar e a gente dividiu direitinho. Dona Maria do Carmo mandou, quem dividiu flii eu, do começo ao fim,

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

para todos. Trabalhando, o tempo se passando e aí veio a revolução de 64. Eu estava na ferinha de Guarabira e quando eu cheguei em casa já tinha um amigo meu me esperando para a gente sair fora porque se fosse preso e passasse em Sapé, não saia vivo porque lá em Sapé a situação era difícil. Aí, eu fui escapar no município de Alagoa Grande. Eu tinha um tio lá, conversei com uma tia, era bem de vida, e aí eu e um amigo fomos para lá, tinha uma loca de pedra e ficamos lá, dois meses.

O 15 decretou que quem falasse, ou seja, denunciasse as Ligas Camponesas e não aprovasse é quem iria ficar no lugar. E lá nós ficamos dois meses, agora só resistimos porque meu tio era bem de vida, se não fosse, não tinha dado de comer a gente, dois meses sem fazer nada. Nem acender uma lâmpada, uma vela, uma luz, uma coisa, ninguém não podia, era muito escuro, de dentro a fora. Aí veio a anistia do Grupamento de Engenharia, do 15, dizendo que quem desse um depoimento e não fosse aprovado é quem ia responder. Aí eu vim, devagar, me apresentei e me mandaram para casa, eu e o meu amigo. Disseram: “você vão e se apresenta em Guarabira”. A gente se apresentou em Guarabira, deu no mesmo: “não, vocês podem ir para casa porque aqui não tem nada; se chegar, nós vamos até lá”. Mas graças a Deus não chegou e aí eu fiquei em casa, não fui preso, mas não fui preso e não morri porque não passei em Sapé. Uns amigos que passaram Sapé, esses já se foram, todos eles, porque lá era serviço. Mas, perdi de roçado, quando eu cheguei no roçado não tinha mais lavoura, não tinha nada e aí eu fiquei trabalhando para o outro ano, até que deu certo. Nesse momento, eu recebi uma carta do juiz, era o Doutor Onízio Neto, para eu arrumar um advogado e eu procurei um amigo que era juiz, mas já se foi, e os advogados não queriam ser advogados do povo das Ligas Camponesas. Aí, eu vim para João Pessoa, aqui eu consegui um advogado e fomos levando. Há audiência, não há e foi se passando o tempo e quando preparou a reunião para ver o advogado, eu nem sabia que o Doutor Osmar estava na fazenda, chega o Doutor Osmar: “como é que está?” “Está tudo bem, doutor”. “Vá no cartório e passe uma procuração para mim”. Eu fui no cartório, passei a procuração para o Doutor Osmar e houve a audiência, o juiz não atuou logo, mas depois atuou e graças a Deus hoje o pessoal do Carrasco está lá, no Carrasco. Eu não estou porque o meu terreno era muito pequenininho, era pouquinho e do Carrasco eu tinha um pedacinho de terra, mas era pouco. A gente trabalhou 12 anos, cansou a terra, nem mato não nascia e veio a operação do governo para financiar terra. Eu tinha uns

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

amigos no banco e disseram: “Botija, pode procurar uma propriedade e traga logo os documentos, tudo em ordem. Peça ao dono da propriedade, traga porque você é trabalhador e o banco vai financiar, o governo vai financiar a propriedade”. Eu disse: “está certo. Vai dando certo com o meu desejo porque o que eu desejo é uma terra grande para trabalhar”. Morei 20 anos num pedacinho de terra, uma coisinha de nada. Do Carrasco eu tirei um pedacinho, também era pouquinho porque não podia tirar uma área grande porque eram muitos camponeses. Hoje estão lá os camponeses, tudo. E o que eu sei dizer.

Nesse tempo eu era pobre, só tinha a noite e o dia, até uma vaquinha que eu tinha eu vendi no fim do ano para pagar o banco porque não tinha onde ver. A terra, quando eu cheguei perdi o roçado todinho choveu muito nesse ano, e o que eu tinha era uma vaquinha e vendi para pagar o banco. Mas no outro ano seguinte eu comprei outra pelo banco novamente e Deus me ajudou que eu comprei a terra pelo banco, 141 hectares e graças a Deus eu paguei. Não tem quem pague. Eu disse: “se tiver um que pague, comigo faz dois porque eu vou trabalhar para pagar”. Quando foi com uns seis anos eu botei o dinheiro em um saco de farinha e levei para pagar. Não tem quem pague o banco, eu vou pagar a minha terra, mas cheguei lá o gerente não quis receber, não. Disse: “olha, o senhor pode pagar essa terra hoje e daqui a 10 anos, como está programado. Deixe para pagar direito. Leve esse dinheiro, faça o que o senhor quiser, é seu, vá pagando assim como está feito”. Eu disse: “está certo. Porque disseram que não tem quem pague, eu vim pagar para depois não dizer que nenhum pagou”. Era dinheiro de farinha, porque na propriedade teve gente que plantou cana, plantou, não sei o quê, e eu disse: “eu vou plantar maniva e enchi tudo. Tinha duas partes de terra, tinha muita gente, eu arrendei e trabalhava direto. Era uma casa de farinha moderna, dois fornos modernos, energia, logo arrumei dinheiro que dava para pagar tranqüilo. Foram três tratores porque a terra que eu comprei era toda coberta de mato; eu descobri porque era trabalhador mesmo e meus irmãos também eram. Comprei um trator pelo banco, mais na frente eu paguei, financiei o outro e o outro eu comprei com o dinheiro da terra, fez três e eu me levantei em nome de Jesus. (Aplausos).

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Muito obrigado, Seu Antônio. Essa é uma família de um monte de homens e de irmãos. Ele é só um aqui e, a gente já conversou muito, e eles vêm contando o quanto trabalharam para conseguir. Conversando com a esposa dele, ela contando, falando sobre a Dona Maria do Carmo que não está aqui, que ela dizia: “é uma mulher por debaixo d’água”. Foi uma das pessoas, além do Osmar de Aquino, que ele citou aqui, que incentivou a conquista da terra do Carrasco.

A gente vai convidar agora o Senhor Manoel Marinho para falar um pouco sobre o Carrasco.

O SENHOR MANOEL MARINHO:

Boa-tarde autoridades, senhoras e senhores aqui presentes.

Não foi diferente a situação do Carrasco das demais. Eu vou começando aqui, mostrando a vocês os limites, na época. Limitava-se o Carrasco, em 1960, ao nascente com o Senhor Zuca Cacheado, Doutor Ábdon Miranda, João Mestre, Pedro Nobre, Antônio Belo; ao poente com o Senhor Assis Mendes; ao norte com João Tomaz, Assis Mendes, Amália Pinheiro, Severino Rufino, João Régis e Ioio Félix; e ao sul com Ábdon Miranda. Então, gente, isso era uma reserva de terra, uma sobra que ficou e ninguém trabalhava com agricultura, apenas era coberta de mato, as árvores existentes era juazeiro, barriguda, campineiro, espinlieiro preto, espinho rei, marmeleiro fino, amorosa, cipó ninho de lagartixa, cipó japecanga, cipó cururu. Parte dessa terra era arenosa e outra parte com muita pedra, pedras miúdas. Daí em diante houve a necessidade daquele povo que não tinha onde trabalhar, não tinha onde produzir para manter as suas famílias e vieram as Ligas Camponesas, através do Doutor Osmar de Aquino, Dona Maria do Carmo e mais outros, me falha a memória, no momento, pois eu só tinha 14 anos de idade e acompanhava o meu pai. E assistia aquelas reuniões, vi a derrubada do mato, a queima e até as discussões dos advogados, que era Doutor Osmar de Aquino a favor dos camponeses e o Doutor Vicente Claudino de Ponte pelos fazendeiros. E uma dessas reuniões, lembro muito bem que foi numa quinta-feira, quase meio-dia, dentro do próprio Carrasco, o Doutor Osmar oferecia aos proprietários que debatiam sobre aquela parte de terra, e ele ofereceu a metade da terra, onde existia duas

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

lagoas: uma por nome lagoa do Pataeho e a outra, lagoa da Campina. E o Doutor Vicente olhou para o Senhor Assis Mendes e disse: “Assis, que diz você?” Ele disse: “Vicente, ou tudo ou nada”. Então, Doutor Osmar levantou-se e disse: “pois, é nada, Assis. Você perde porque eu quero fazer um acordo e você não quer, então você perde por completo”. E assim foi.

Os trabalhos continuaram, a produção de mandioca era imensa, foi o celeiro do comércio de Guarabira, o Carrasco. Mas, aí veio a revolução de 1964, como já foi dito aqui, 31 de março de 1964, se não me falha a memória, foi em uma sexta-feira. Sei bem. dizer que no domingo próximo então a polícia já bateu na casa do meu pai porque era um dos líderes, Antônio Francisco de Carvalho, popular Antônio Botija, Adonias Maria de Lima que era o meu irmão, Manoel Luís Alves, conhecido por Manezinho de Lulu, e Belarmino Marinho de Lima, que era meu pai, e lá o Adonias já tinha fugido, junto com o Seu Antônio, se refugiando, como ele falou, no sítio Quitéria, município de Alagoa Grande, passando dois meses lá, dormindo em uma loca de pedra. Ele contava que tinha muitos mocós, aquelas pedras, quando o dia amanhecia. O meu pai escondido, eu levava o alimento dele uma vez por dia para que ninguém desconfiasse, eu ia por um caminho e voltava por outro totalmente diferente. A polícia, quando chegou, botou a porta da casa do meu irmão no chão procurando armas e procurando ele, mas o que encontrou foi uma enxada e uma foice; virou o colchão de cama, existiam aquelas malas antigas, teve uma que ela emborcou e nada encontrou, foi embora. Mas o meu irmão, ele gostava muito de ler, ele tinha muitos jornais e nesta mesma noite eu peguei os jornais, todos, as revistas que tinha, botei dentro de um saco e fui esconder em uma casa de um parente, mas lá, ao chegai, eu ouvia vozes de pessoas diferentes e eu, com medo, subi em um pé de manga, para subir foi muito bom, para descer eu tenho uma impressão que eu cai de uns quatro metros de altura pensando que estava próximo ao chão e ainda hoje o que eu sinto na minha coluna eu deduzo ter sido dessa queda.

E meu pai passou esses dias escondidos, dormindo no mato, apresentou-se em Guarabira na delegacia, lá, o delegado mandou que ele viesse a João Pessoa, ele veio para o quartel e aqui disseram: “nada tem contra você”. Ele voltou, o meu irmão foi preso duas vezes, ele foi preso a primeira vez no mês de junho. Essa vez ele passou por Sapé e lá ele recebeu muitas torturas, ele contava e não gostava de lembrai' isso. A segunda ele foi preso

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

pela Polícia Militar, mais uma vez, no dia 07 de julho de 1964 e trazido diretamente para o Quartel do 15, em João Pessoa. Ao chegar aqui ele passou dez dias preso, incomunicável, nós não sabíamos onde ele estava, se estava vivo, se estava morto e com dez dias ele foi ouvido pelo oficial do dia, apenas o oficial pegou uma carta, aí disse: “Senhor Adonias, foi o senhor quem escreveu esta carta?” aí ele disse: “foi sim, senhor”. Jogou no balde de lixo Essa carta, simplesmente, amados amigos, era ele procurando saber o que era o Comando de 11, que ele não sabia, e foi encontrada essa carta no correio, nessa época, e por isto ele foi preso, dessa vez. Então, ainda hoje a família, ele é falecido, desde 20 de junho de 74, de um tumor no cérebro, e a família não descarta que tenha sido das represálias recebidas em Sapé, no comando do Coronel Luiz de Barros.

Fiz um requerimento, quando houve aquele falatório de que esse povo iria receber uma recompensa, a família e tal, eu fiz um requerimento, enviei à Assembléia Legislativa, até hoje não tivemos resposta, mas eu tenho aqui, guardado, porque eu gosto sempre de quando envio qualquer coisa eu ficar com uma cópia para segurança minha.

Gente, era o que eu tinha a explicar para vocês e o meu muito obrigado e que Deus continue nos abençoando. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

A tentativa de encontrarmos mais pessoas em Guarabira foi muito difícil, a maioria já está falecida, apesar de que existem muitos que não se propuseram a vir até aqui, muitos com 80, 85, 86 anos de idade. Mas, eles relataram à medida que a gente chegava nas casas, juntamente com Arimatéia, que é um aluno de História, com o gravador dele, eles iam contando um pouco dessa história para gente, mas todos diziam que estavam muito velhos e que não queriam vir. A gente gostaria de agradecer a esses senhores e a essa senhora que tiveram a coragem de vir aqui contar para a gente um pouco dessa história.

A gente abre agora para um debate ou para quem quiser fazer uso do microfone. Três minutos para cada pessoa porque o tempo já se foi.

O Seu Manoel ainda quer falar mais um pouco.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O SENHOR MANOEL MARINHO:

Olhe, gente, o Arimatéia é testemunha disso. Quando se procura as pessoas daquela época, dificilmente elas querem dar ouvidos e dizem: “não, não, não, pare por aí, eu não quero saber disso, não, isso já passou e a gente pode receber alguma represália”. No caso, a minha cunhada tem 78 anos, quando eu disse a ela que vinha para esse encontro, ela disse: “homem, não vá lá, não, você está se arriscando”. (Aplausos).

Porque toda a vida eu tive o interesse de lutar pelo menor. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Mais alguém quer fazer uso da palavra?

Seu Amóbio.

O SENHOR JOSÉ ARNÓBIO:

O regime do “cambão” tem a obrigação de dar uma diária, a diária da casa, é o direito de morar na casa, uma diária por semana. Depois da diária veio o “cambão”, era mais outro direito que o proprietário explorava o morador; ficava segunda e terça; segunda a diária e terça-feira o “cambão” e ficava o resto da semana, da quarta até o sábado, para trabalhar para arrumar a bóia para se manter. O “cambão” não ganhava nada e quem acabou com o “cambão” foi a Liga Camponesa, acabou com o “cambão” e a diária.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Pois não, Paulo.

O SENHOR PAULO BELÍCIO:

Boa-tarde.

Como o Seu Amóbio falou, em Mamanguape as Ligas Camponesas também foram muito marcantes. Como Sapé, existia toda aquela forma de convocar o povo para rua através dos foguetões e havia, na época, manifestações em Mamanguape que reunia quatro mil pessoas na rua, simplesmente com essa forma de convocar o povo. Isso mostrava o grau de conscientização que o camponês tinha e a vontade de lutar e mudar a realidade.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Uma coisa interessante que ele coloca é a propriedade da terra, no vale do Mamanguape, que concentrava-se apenas em dois grupos, que era o grupo Lundgren, que era proprietário de toda terra de Rio Tinto, Marcação, Bahia da Traição, parte de Jacaraú, parte de Itaporoca e parte de Mamanguape. E a outra parte pertencia ao grupo Fernandes de Lima, que foi proprietário, por muito tempo, da usina Monte Alegre. E a companhia de Tecido Rio Tinto não fazia uso da terra, não tinha nenhuma atividade agrícola que pudesse fazer uso de 20 mil hectares de terra e toda essa terra era ocupada por moradores e que foi aí que começou essa conscientização dos trabalhadores e a lutar pela posse da terra, e foi uma conquista muito importante. Itapecerica, que era um engenho que existia e que era um núcleo populacional grande, Seu Arnóbio inclusive mora, e através dessas lutas das Ligas Camponesas conseguiram a desapropriação de muitos lugares, então Itapecerica foi desapropriada onde se instalou um celeiro com produção de alimentos muito grande. Inclusive Seu Arnóbio, em outros momentos, já citou no depoimento que ele deu para o meu trabalho que eu consegui fazer, que era uma produção muito grande, que era transportada para Recife, João Pessoa, Natal, os grandes centros comerciais que eram abastecidos pelos produtos que esses pequenos produtores produziam nessa localidade e mudou a realidade. Então, um pequeno exemplo é Itapecerica, se pudermos fazer uma pesquisa bem aprofundada, a gente vai ver a importância que teve a Liga Camponesa na vida do povo.

Agora, infelizmente, como Seu Arnóbio citou, muita gente vendeu a sua terra e a minoria, hoje, que mora lá, a pequena minoria, mesmo, que participou do movimento resiste e está morando na terra, a terra está voltando a ser latifúndio de novo. Hoje já existem grandes fazendas, pequenos proprietários que vão vendendo e uma pessoa só vai incorporando pequenos lotes que vai comprando e termina voltando a ser o latifúndio. Então, precisa ver o que aconteceu, como, talvez reverter esse quadro. Eu acho que esse é um momento de reflexão que a gente está, que nem um outro momento talvez tenha acontecido, eu acho que esse encontro vai dar uma contribuição muito grande para os movimentos sociais para que possa está refletindo o que foi que aconteceu e poder estar orientando novas lutas para que a terra não volte a ser, principalmente nas áreas onde aconteceu desapropriação, não volte a se tornar latifúndio novamente.(Aplausos).

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Paulo Belício, moro em Mamanguape e participo do movimento da consulta popular.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Mais alguém?

A gente gostaria de pedir às pessoas que usassem o microfone para dizer o seu nome, de onde veio, porque está sendo taquigrafado.

O SENHOR JOSÉ FERREIRA DE LIMA:

Eu sou do Rio Grande do Norte, sou vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, José Ferreira de Lima.

Escutando os depoimentos, antes de 64, nas décadas de 50 e 60, 64, antes do golpe, é muito importante esse resgate da Memória Camponesa para que a juventude de hoje saiba que essa luta não começou agora, essa luta vem de muito antes e cada estado montou sua estratégia de acordo com a conjuntura local. Aqui, na Paraíba, a influência das Ligas Camponesas foi muito importante e no Rio Grande do Norte foi a Igreja e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura e tinha também uma forte influência das Ligas Camponesas aqui, nos municípios da fronteira com o Rio Grande do Norte, região de Baía Formosa, Nova Cruz, tinha uma forte influência, mas a estratégia no Rio Grande do Norte também de greve, de ocupação, de massacre, de luta pela terra, de confronto, de enfrentamento com a polícia, foi a Federação dos Trabalhadores na Agricultura e a Igreja Católica. Então, cada estado reagiu da forma da sua conjuntura. Quero dizer também que aqui na região, lá no Estado do Rio Grande do Norte, as lutas não foram diferentes, é tanto que pela manhã, o presidente, fundador, José Rodrigues, foi preso, exilado e passou 22 anos com o nome de Ricardo Silva, e como operador de máquina porque não podia dizer que era trabalhador rural, senão era preso. Então, independente de partido político ou de religião foi todo mundo para o xadrez; defendeu o trabalhador, defendeu a reforma agrária, era comunista, tinha que ser preso.

Mas, quero dizer o seguinte. Escutei, de manhã, atentamente, a companheira Elizabeth Teixeira, que passou muitos anos no Rio Grande do Norte, em São Rafael; o Sindicato dos Trabalhadores, em São Rafael, Neném, conhecido, foi aonde ela trabalhou

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

muito tempo, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Não tive tempo de falar com ela, mas o companheiro Neném faleceu, mas o filho dele está no sindicato e disse que se avistasse ela desse um abraço e mandasse lembranças para ela. Inclusive, hoje, os filhos dos agricultores que ela alfabetizou devem muitas homenagens a Marta - para o Rio Grande do Norte é Marta, aqui é Elizabeth Teixeira.

Então, para os companheiros que foram torturados, que foram presos, para os filhos e filhas, as viúvas que perderam os seus maridos fiquem tranqüilos, os grandes líderes, quando morrem, quando matam, não se enterram, se plantam, por isso nasceram tantos frutos. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Queríamos registrar a presença do fotógrafo de Guarabira, Wanderley, conhecido por Leledo. Ele tem um rico acervo de alguns líderes das Ligas, que faleceram, e ele fez todo um esforço, estava trabalhando, para estar aqui, hoje. Bom, Leledo.

O microfone ainda está aberto. A gente ainda tem um restinho de tempo.

A SENHORA GISLAINE:

Guida, da UFCG.

Gostaria de saber dos membros da Mesa como era a situação, antes das Ligas. Como vocês conheceram as Ligas e a diferença que fez, na vida de vocês, depois de ter lutado com as Ligas.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Quem começa?

Ela perguntou como era antes das Ligas e o que é que vocês conheceram e o que é que passou a ser depois que vocês viveram essa experiência.

O SENHOR JOSÉ ARNÓBIO:

Antes da Liga a gente trabalhava no regime de escravo, a gente não tinha direito, a gente só tinha direito a trabalhar e a sobrevivência era muito pouca, era o tipo

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

mesmo de escravo. Depois da Liga, foi que trouxe toda liberdade para a gente. Antes da Liga a gente morava em casa de palha, fraca e hoje, graças a Deus, foi a Liga Camponesa que trouxe, a gente mora em casa de tijolo, com energia, com televisão, tudo a gente tem, com água encanada, açude, fruta, verdura, graças a Deus de tudo a gente tem hoje, tem o leite, tudo, graças primeiramente a Jesus e segundo a Liga Camponesa foi quem trouxe toda a liberdade para o homem do campo.

E o que eu tenho a dizer, antes e depois.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Professora Guida, essa informação dele é interessante porque o Carrasco ele foi desapropriado naquela época. Eles conseguiram resistir e ficaram na terra e permaneceram, mesmo depois de toda a repressão. Construíram casas, quando na terra dos patrões eles não podiam.

Seu Marinho.

O SENHOR MANOEL MARINHO:

Começou através das reuniões. Era sempre aos domingos, à tarde, onde se reuniam e aquele pessoal que ia dar as reuniões, eles começaram a conscientizar aquele povo que realmente nada tinha, aquele povo que era sofrido. Por justa razão lá no Carrasco houve famílias que vieram até de outras cidades, por exemplo, de Araçagi teve algumas pessoas, e depois da conquista ficou alguém reclamando e se dizia que foi aberto para a população carente de Maciel, de Caboclo e circunvizinhos, mas eles não quiseram. Então, teve que terminar de se ocupar com outras pessoas que vieram de fora.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Seu Antônio Francisco.

O SENHOR ANTÔNIO FRANCISCO DE CARVALHO:

Meu nome é Antônio Francisco de Carvalho, morava bem vizinho ao Carrasco, que eu não morava no Carrasco, morava nas terras do Manoel Félix da Silva, morei 20 anos.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

Depois de 20 anos, ele ficou velhinho, me chamava de Francisco, e disse: “Francisco, eu vou lhe vender o seu arrendamento para quando eu morrer a minha família não procurar briga com você. Eu tenho você como um filho”. Eu pagava a ele todos os anos, certinhos, quando dava janeiro ele dizia: “Francisco, não é hora de você pagar, ainda não”. “Mas eu só tenho dinheiro agora e eu não vou deixar para pagar depois porque pode ser que eu não tenha o dinheiro para pagar e aí fica difícil, Seu loio. Então, eu lhe pago logo porque eu fico livre”. “É, você quer pagar, pague, porque eu sei que você já pagou, mas você tem até janeiro pago”. E eu pagava novamente. Isso, eu tinha um terreno arrendado, tinha onde eu morava e tinha outras terras aí, um cercado que eu tinha uns bichinhos e aí eu tinha um terreno arrendado, tinha cana plantada, tinha vazante de capim. Então, ele faleceu e os filhos dele vieram falar comigo: “Seu Botija, o senhor o que é que diz? E aquela cana, aquele capim, aqueles cercados?” Eu disse: “ali é da terra porque a terra não é minha, eu sou arrendado. O meu patrão faleceu, Seu loio, aí vocês não querem tomar conta da terra de vocês. A terra é de vocês”. “E aquela cana?”. Eu disse: “aquela cana é da terra porque eu não posso arrancar e levar para a minha terra. Então, vocês ficam com a cana e a vazante de capim é a mesma coisa. Agora, eu só quero que vocês não tirem as minhas estacas e os arames que eu tenho, cercado, que eu tenho uns bichos, e o resto vocês podem tomar conta que a terra é de vocês, não é minha”. Eu era amigo e era arrendado; eu fazia e desfazia; eu pagava o arrendamento, tudo certinho e o velho era bacana demais. Aí eu fiz casa, até botei morador para me ajudar.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

E o seu pedaço, no Carrasco? Que o senhor inclusive ajudou a dividir com os outros, lá.

O SENHOR ANTÔNIO FRANCISCO DE CARVALHO:

O Carrasco foi o seguinte. Não era muita terra e aí Dona Maria do Carmo mandou que eu dividisse 2,50 para cada um, teve gente que ficou até com mais de 2,50 e teve gente que ficou até com menos de 2,50 porque era dentro dos matos, a gente medindo. Porque se fosse abrir picada, tudo certinho, aí ia demorar muito, e a gente abria a vontade. Todos combinaram para ficar assim. Aí Dona Maria me entregou: “Seu Botija, o senhor vai dividir

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

essa terra para esse povo porque eu não vou estar aqui, direto, vai ocupar muitos dias e eu não posso ficar aqui”. Ela ia só naqueles dias em que ela tinha vontade de ver os camponeses trabalhando. Aí eu dividi todinho, 2,50; eu media 50 braças e eram 2,50 para cada, e tinha gente que ficava com mais de 2,50, mas tinha gente que ficava com menos porque era medindo dentro do mato, trancado. Não era brincadeira, não, mas dividi para tudinho e deu certo.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Obrigado.

Seu Amóbio já colocou.

Dona Glória quer dizer mais alguma coisa? A pergunta da professora?

A SENHORA GLÓRIA CELESTINA DA SILVA:

A senhora ah perguntou quem trouxe a Liga Camponesa para a Paraíba. Eu acho que foi Assis Lemos porque eu via meu pai falar muito, dizia que Assis Lemos, Francisco Julião, era esse povo quem fundou a Liga Camponesa aqui na Paraíba.

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

E como é que foi, Dona Glória, na sua época? Mudou o quê, na sua vida?

A SENHORA GLÓRIA CELESTINA DA SILVA:

Na minha vida mudou um bocado de coisa porque naquele tempo todo mundo sabia como é que era o massacre e hoje, graças a Deus, a gente está sossegado.

Isso aí meu pai não participava, não porque ele era um camponês calmo, mas tinha muitos camponeses, os que apanharam, eles iam na fazenda de qualquer pessoa e derrubava mato e botava roçado. Era verdade isso, em Mamanguape. Mas, depois, pagaram caro porque tinha o Coronel Luiz de Barros que levava a turma dele, pegava o povo que estava lá, botando os matos para fazer roçado, botava no caminhão e os soldados vinham montados em cima de cada um, vários soldados montados em cima de quem estava lá, chutando, fazendo de tudo.

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MÁRIANO NETO:

Arirnatéia. Seu nome.

O SENHOR JOSÉ DE ARIMATÉIA:

Boa-noite a todos, já está noite. Eu sou José de Arirnatéia, sou estudante da UEPB, Guarabira, Campus III, do curso de História, estou no final do meu curso e estou fazendo a minha monografia. Para minha felicidade, estou aqui com o Professor Belarmino, que me convidou, hoje.

Só que no meu trabalho, ao ler sobre Ligas Camponesas, vendo Sapé, Mari, Mamanguape e faltava ainda Guarabira. E no meu trabalho de pesquisa, entrevistando as pessoas, inclusive pessoas que não estiveram aqui - quanto à pergunta da senhora ali tudo ocorreu, o seguinte. O Carrasco era uma área reservada, era uma sobra de terra, no qual, dizia o Senhor Osmar de Aquino que eram 400 hectares de terra, só que dessas 400 hectares de terra, restavam apenas 96 hectares. A outra parte, os senhores fazendeiros, proprietários, já haviam invadido e dessa parte que restou, esses moradores do Maciel, querendo terra para trabalhar, então começaram um atrito com o Senhor Assis Mendes e foi daí que entrou o personagem, a pessoa do advogado Osmar de Aquino que soube que essa terra, que havia 96 hectares, era uma sobra, era uma reserva do governo e que por ser reserva do governo, que não era só 96, eram 400, tinha que ser distribuído com o povo. Então, foi a partir desse momento que começou a haver as reuniões.

Outro fato também importante, que no Maciel, que era um povoado, só existia apenas três rádios no povoado. Dessas três rádios, na quinta-feira havia um programa na rádio Maquiavel, apresentado pelo Senhor Leonel Brizola, e os moradores se reuniam para ouvir isso na residência do Senhor Tenente Almir, que havia servido à Segunda Guerra Mundial e que estava aposentado e já estava afastado, e os outros dois senhores, Senhor João Narciso e o Senhor Carneiro, eles não ligavam o rádio porque diziam: “é um programa de comunistas, se nós ligarmos o rádio a polícia vai vir, é capaz de tomar o rádio e de nos prender”. E o Senhor Tenente Almir disse: “quem quiser, venha para a minha casa que eu não tenho medo de polícia, não tenho medo de Exército, enfrentei batalhões na Segunda Guerra e estou disposto a enfrentar novamente”. Então, isso acontecia nas quintas-feiras, na casa do Tenente Almir, e

ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA

foi na quinta-feira que eles ficaram sabendo, quando estourou no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro a questão da Liga, e o pessoal já começou a repassar a notícia, de um para outro. Então, a quinta-feira era como se fosse um dia de encontro. Isso foi o que eu já pesquisando com algumas pessoas, de dialogo com um um diz uma parte, outro diz outra e isso você vai somando e formando, assim, o trabalho.

Eu estou muito satisfeito com o trabalho que eu estou fazendo, com todos vocês.

Muito obrigado. (Aplausos).

O SENHOR PRESIDENTE BELARMINO MARIANO NETO:

Bom, pessoal, encerrando o dia de hoje, a gente gostaria de agradecer a todos e dizer que amanhã, a partir das 08 horas, a gente vai dar continuidade ao seminário aqui, no auditório da Assembléia Legislativa.

Uma boa-noite a todos.